



IGREJA Viva

ENTREVISTA

"ACREDITO QUE ESTE É O TEMPO CERTO"

ANDREIA ARAÚJO, FÁTIMA CASTRO E PE. MANUEL FARIA

EQUIPA MISSIONÁRIA SALAMA!

P. 04-05

BREVES**Francisco pede novos hábitos de “produção e consumo” para travar degradação da natureza**

O Papa manifestou ontem no Vaticano a sua preocupação com as consequências da “exploração” da natureza e das pessoas, apelando a uma mudança no modelo económico, para o tornar mais “sustentável”.

Na audiência pública semanal, Francisco pediu “novos hábitos de produção e consumo, que contribuam para um novo modelo de crescimento económico, que garanta o respeito pela casa comum, o respeito pelas pessoas”.

“Abusar da natureza é um pecado grave, que nos faz mal e nos faz adoecer”, acrescentou.

A intervenção denunciou os “abusos” contra a natureza e convidou os cristãos a uma atitude de “contemplação”, assumindo a missão de ser “guardião do meio ambiente”.

**Papa publica nova encíclica a 4 de Outubro, dia de São Francisco de Assis**

O Papa Francisco vai publicar a sua nova encíclica ‘Fratelli tutti’ a 4 de Outubro, dia de São Francisco de Assis, anunciou hoje a sala de imprensa da Santa Sé.

O documento vai ter como nome oficial a expressão italiana inspirada no fundador da família franciscana, que já tinha dado origem à designação da encíclica ‘Laudato Si’ (2015),

A encíclica é o grau máximo das cartas que um Papa escreve; São Francisco de Assis é o religioso que inspirou o pontífice argentino na escolha do seu nome, após a eleição como sucessor de Bento XVI, em março de 2013.

A nova encíclica é dedicada à “fraternidade” e à “amizade social”, adianta o portal de notícias do Vaticano, e o título original em italiano vai permanecer sem tradução em todos os idiomas em que o documento for distribuído.

**OPINIÃO****Mulheres de Branco****CARLA RODRIGUES**

ADVOGADA

Num tempo, já excessivamente longo, em que, a cada noticiário, se ouve falar na defesa dos direitos, liberdade e garantias, num tempo em que a cada noticiário assistimos ao massacre dos que defendem os direitos elementares de qualquer sociedade, num tempo em que os homens caminham nas ruas de arma em punho, envergando fardas e obedecendo a ordens, como se isso fosse um legítimo cartão de acesso a um território sem moral, sem princípios, sem rei nem roque, em que a ordem parece ser abater quem tem a ousadia de discordar com o regime imposto ou quem vive a louca utopia de querer um mundo melhor, surge aquilo que é um movimento pacífico e inspirador: As Mulheres de Branco.

Estes dias, ao folhear o jornal, deparei-me com a fotografia de uma mulher, de costas voltadas para o fotógrafo, com as mãos à frente do colo como se transportasse re-

sistentes gotículas de esperança, quiçá num misto de medo e coragem, com o cabelo apinhado num singelo rabo-de-cavalo e que, vestida de branco, encarava uma barreira formada pela polícia de choque de Alexander Lukashenko, na Bielorrússia. Nem os bastões da polícia, nem os escudos e viseiras, impediram a mulher de branco de se manifestar, de forma simples, humilde, silenciosa, solitária e determinada, contra um regime a que se opõe. Uma mulher vestida de branco, sozinha, que carrega aos ombros toda uma humanidade oprimida. Este é um movimento que não pode deixar ninguém indiferente. Alguém que tem a ousadia de avançar para a linha da frente, enfrentar as armas de fogo e os bastões, sem qualquer arma ou qualquer outro tipo de protecção a não ser as lentes dos repórteres fotográficos, é alguém que nos motiva, que nos faz rabejar no sofá do nosso comodismo, que nos inquieta a maldita indiferença com que às vezes nos revestimos, que nos ensina o conceito de coragem sem soletrar uma única palavra.

Ao longo dos anos, de décadas e séculos, as mulheres têm vindo a ganhar protagonismo na luta pela igualdade, no reconhecimento da sua importância no seio de uma sociedade ainda assente na predominância masculina, mas também na defesa dos direitos em geral. Num sistema social denominado de patriarcado

os homens detêm o poder, cabendo-lhes a eles a liderança, a autoridade e a violência não apenas no campo familiar. O papel das mulheres, resumido ao cuidado dos filhos e dos idosos, à organização da casa e à obediência aos maridos, era (é) conciliado, muitas vezes, com trabalhos mal remunerados, numa exploração gritante face às condições de trabalho masculino. A história relata-nos episódios chocantes acerca da exploração feminina, com páginas e páginas de violência. E foi com pulso de ferro, com valores bem vincados, com determinação e coragem que as mulheres enfrentaram a opressão e lutaram contra um território baldio, deserto em direitos, começando com dor, suor e lágrimas, a construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Nas causas abraçadas pelas mulheres, quer estejamos perante a defesa dos direitos das mulheres, quer estejamos perante a defesa dos direitos, liberdades e garantias da sociedade em geral, de âmbito social, político, económico, ou ambiental, as mulheres recorrem, predominantemente, a argumentos, comportamentos e atitudes em detrimento da violência e das armas. E é disto que nos fala o movimento Mulheres de Branco, mulheres sem armas, sem bastões, a lutarem ao lado dos homens, com outros argumentos, por uma sociedade mais justa. E esta é a lição feminina para um mundo em construção.



OPINIÃO

O bem não faz barulho



JORGE VILAÇA

PADRE

1 Como se justifica a importância da dimensão espiritual e religiosa, sobretudo as vidas a ela inteiramente dedicadas, num tempo em que a salvaguarda da saúde e do salário são o critério principal de decisão e em que se acumulam mais rapidamente rolos de papel higiênico do que créditos para uma vida feliz? Como se reabilitam vidas consagradas se as celebrações sacramentais estão reduzidas ao mínimo higiênico, as acções de evangelização à expectativa do que vai acontecer, as visitas aos doentes à prudência imóvel, os grupos de apostolado ao vale de lágrimas? Até os andaimes e o cimento, tantas vezes afirmativos da importância social, arriscam ficar suspensos. E correm nuvens sobre a sus-

tentabilidade (também económica) das instituições religiosas. Será que regressam os que se ausentaram também por razões de segurança e já se habituaram a uma ligação digital ou, porventura, se emanciparam definitivamente da casa dos “pais”?

2. Iniciamos um triénio arquidiocesano dedicado à caridade, a virtude teológica que é criativa até ao infinito. Que não passa ao lado nem é indiferente. Guia-nos uma parábola. Fixemo-nos hoje na graça:

– **Certo homem:** um qualquer, sem nome, agora já sem poder físico (caído), de retribuição (já roubado) nem petição (meio morto), reclamando a absoluta liberdade de quem puder/quiser salvá-lo, por graça, sem mais. Não há qualquer menção à bondade da “vítima”: seria o mais santo ou o mais pecador, o mais trabalhador ou o mais preguiçoso... Meio morto já não pode sequer pedir nada. Desgraçado, não cobijado. Descia, o agora zombie, de Jerusalém (cidade santa) para Jericó (cidade do comércio): fazia 25km de estrada, a descer entre a graça e a des-graça, o pagamento. Vai a caminho do centro comercial, não da Igreja.

– **Ladrões:** viram um objecto de diversão ou de roubo, porventura de ajuste de contas ou de vingança. Entre o lixo mediático do pré-juízo e as notícias falsas das nossas leituras, eis aqueles que nitidamente tiraram algum proveito, ganharam algo, ainda que desgraçando.

– **Sacerdote** (responsável pelos sacrifícios na igreja da época) e **Levita** (responsável pela liturgia), homens teoricamente da graça: viram um estorvo à sua meta. “Veem e afastam-se”, auto-conservando-se, auto-realizando-se, instintivos, vivendo a partir de si mesmos, funcionários das suas contabilidades (medos?), das suas tarefas.

– **Samaritano:** sem casta, nome nem reconhecimento, semi-pagão, habituado a não ter nada a perder (o que não quer dizer nada da sua bondade-maldade), aproxima-se primeiro e só depois vê. Decide responder ao duplo grito interior (“cuida dele!” “cuida-me!”). O mandamento a que obedece não prevê ganhos, aplausos nem homenagens. Só graça!

– **Leitor(a):** a parábola implica, por natureza, quem a ouve/lê. Sendo uma provocação, compromete a auto-crítica do ouvinte/leitor(a)



e não a tranquilidade da boa consciência (identificação espontânea com o samaritano). Quanto tenho de Homem caído, de ladrão, de funcionário eficaz, de samaritano?

3. Regressando à pergunta inicial: como se justificam, socialmente, vidas consagradas? Ou só deverão ser justificadas evangelicamente? “Só nos disseram que nos devíamos lembrar dos pobres”. Isto é graça. Cumprem, contudo, as instituições paroquiais de solidariedade a graça da parábola ou servem ao emaranhado da sôfrega afirmação social? Não é raro, e com razão, ouvir dizer aos párocos: “só espero não ter

um centro social paroquial”. E alguns acrescentam razões: a) ter de gerir recursos humanos para os quais não me sinto capacitado, com a agravante de, frequentemente, esses serem simultaneamente do meu ‘rebanho’; b) ser refém das esmolas do Estado, trabalhar gratuitamente e ainda inventando formas de pedir dinheiro aos fiéis para pagar dívidas ou para fazer o que o Estado não quer/não consegue fazer; c) usar tempo e recursos que sinto fazerem falta na actividade mais explícita de evangelização. Seria de os escutar, neste triénio. O barulho não faz bem.

ABERTURA ANO PASTORAL DO CLERO

22 SET. 2020 – «Chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão» (Lucas 10,33)

PROGRAMA | 9.30 LAUDES | 10.00 - REFLEXÃO

PE. NUNO VENTURA E PE. SÉRGIO TORRES

COM TRANSMISSÃO ON-LINE NOS CANAIS DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA



ENTREVISTA

UMA EQUIPA DE PARTIDA, SEM HESITAR

JOÃO PEDRO QUESADO (TEXTO)

É A SEGUNDA VEZ QUE A ANDREIA FAZ PARTE DA EQUIPA MISSIONÁRIA SALAMA!, MAS O MESMO NÃO É O CASO DA FÁTIMA E O PE. MANUEL FARIA. AINDA SEM DATA DE PARTIDA, OS TRÊS RESPONDERAM ÀS QUESTÕES DO IGREJA VIVA SOBRE A MISSÃO PARA A QUAL SE LANÇAM, O QUE OS FEZ TOMAR ESTA OPÇÃO E O QUE ESPERAM ENCONTRAR NA COMUNIDADE DE SANTA CECÍLIA DE OCUA.

[Igreja Viva] O que vos fez ter vontade de partir em missão?

[Andreia Araújo] O querer ir mais além no serviço ao próximo, vivendo realmente a mensagem de Deus.

[Pe. Manuel Faria] Um chamamento para a missão universal da Igreja, uma maior consciência da missão. O ano missionário extraordinário, animado pela força do Espírito Santo, estimulou a conversão missionária de todos os batizados, que foram convocados para saírem em missão, dando novo impulso à responsabilidade missionária de anunciar o Evangelho. Como sacerdote, acolhi com particular atenção a Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, para o Ano Missionário e o Mês Missionário Extraordinário, com o desafio: “Todos, Tudo e Sempre em Missão”. Foi amadurecendo o convite e o desejo de crescer nesta dimensão da pastoral missionária, acolhendo o convite concreto da nota pastoral referida, que pede para os dias de hoje uma renovação missionária de todos, com o apelo bem explícito: “ao longo deste Ano Missionário, 2018/2019, façamos

todos – bispos, padres, diáconos, consagrados e consagradas, adultos, jovens, adolescentes, crianças – a experiência da missão. Sair. Irmos até uma outra paróquia, uma outra diocese, um outro país em missão, para sentirmos que somos chamados por vocação a sermos universais, ou seja, a termos responsabilidade não só sobre a nossa comunidade, mas sobre o mundo inteiro”.

[Fátima Castro] O amor. Parece um lugar-comum, ou uma resposta “pré-fabricada”, mas não há outra que melhor a defina. O que me motiva a partir em missão é o desejo de viver uma humilde experiência de sentir o Evangelho de uma forma mais séria e mais coerente e que, acima de tudo, (me) faça sentido. A essa vontade aliou-se um desejo forte, e extremamente audível, de viver a plenitude do amor a Deus experienciado no amor ao próximo. Quando aceitei que a minha vontade era também a vontade de Deus em mim, percebi que, só assim, podia ser feliz.

[Igreja Viva] Num ano como este, não hesitaram nem uma vez?

[Pe. Manuel Faria] Perante o

chamamento do senhor arcebispo, e sabendo da confiança e esperança da equipa missionária, agradeci a ousadia deste desafio, e coloquei a pergunta: “como será isso possível nestes tempos de pandemia e de conflitos nessa região de Moçambique?” A minha disponibilidade pessoal para ser enviado em nome da Igreja diocesana nasceu da oração, que levou a resposta livre e consciente à chamada de Deus para esta missão. Naquela missão de Santa Cecília de Ocuá, Moçambique, interpelados pela pobreza, de quem está abandonado a si mesmo, a oração abriu-me o coração às carências de amor, dignidade e acompanhamento pastoral dos nossos irmãos na mesma fé.

[Andreia Araújo] Não. É partir tendo noção da situação actual, e mesmo assim decidir partir.



[Fátima Castro] Pelo contrário. Acredito que este é o tempo certo. É o tempo d’Ele... no meu tempo! Talvez sinta sim, que me seja exigida uma redobrada atenção aos sinais dos tempos e a esta “estranha” dinâmica do mundo que hoje vivemos. Mas isso remete-me para uma maior responsabilidade social e eclesial e, por estas e muitas outras razões, em momento algum hesitei em partir.

[Igreja Viva] O que é que a Fátima fazia antes de agora partir em missão?

[Fátima Castro] Trabalhava num laboratório, na área da prótese dentária, conciliando com alguns projectos pontuais de formação.

[Igreja Viva] Como foi tomar a decisão de partir? E a família, amigos... O que disseram?
[Fátima Castro] “Ama e faz

o que quiseres”. Esta famosa, e exigente, frase de Santo Agostinho foi um lema de vida que assumi há muitos anos. Por isso a decisão de partir foi fácil! Difícil foi a partilha dessa mesma decisão com a família, principalmente, porque vão acompanhando pelos meios de comunicação social a actual situação na província de Cabo Delgado. Apesar disso, a família e todos aqueles que me são próximos, sabiam que apenas adiava o inadiável e... aceitaram com muita alegria! Também sabem que as dificuldades e os desafios que vou encontrar, jamais me farão perder o foco e o brilho do olhar porque sabem que, quem parte por amor, só pode receber o bem. Sinto-me tão abençoada por aqueles me rodeiam!

[Andreia Araújo] No meu caso, como já é a segunda vez



Ao partir, assumimos um completo desprendimento físico e emocional, é estar distante de casa, da família mas também da nossa cultura, da nossa terra e dos nossos costumes.

[Andreia Araújo]

que irei partir em missão, a minha família já se habituou de certa forma à ideia, pois durante o período que estive em Ocuva perceberam que apesar de eu estar longe estava sempre perto, a comunicação era possível e isso facilitou muito a gestão das saudades e da distância. Então quando disse que iria partir em missão novamente lidaram melhor com a notícia, no fundo como se já estivessem à espera.

[Igreja Viva] Existe sempre uma dose de coragem necessária para tomar esta opção, não é? Ou não foi isso que sentiram?

[Andreia Araújo] Sim, eu diria que sim, é uma coragem consciente. É o escolher partir mesmo tendo completa noção das dificuldades e do que pode correr mal, ainda mais num ano como este que

vivemos.

[Fátima Castro] Talvez a coragem não seja a melhor palavra. Diria mais que foi a fé, o amor e os muitos testemunhos que a vida se foi encarregando de colocar no meu caminho, que me ajudaram a tomar esta decisão. Deixar tudo – a família, os amigos, uma vida profissional estável, os inúmeros serviços pastorais que assumia – e entregar-me, exigia apenas de mim duas coisas: vocação e fé. Recordo-me do Papa Francisco, este ano na oração Urbi et Orbi, quando repetia as palavras de Jesus: «Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» Nesta dinâmica da fé, incentivava-nos a convidar “Jesus a subir para o barco da nossa vida” e a confiar-Lhe os nossos medos, “para que Ele os vença.” Nesse mesmo dia, o convite foi-Lhe (re)enviado e os medos foram-Lhe entregues. Tudo o resto veio, e virá, como uma dádiva.

[Igreja Viva] Este ano, por causa do confinamento, a grande maioria das pessoas experimentou o que é estar longe – mesmo estando na mesma cidade ou freguesia que a família e amigos – porque não podia sair de casa e as redes sociais, o telemóvel e as videochamadas eram a única forma de manter o contacto. Sentem que isso acabou por ser uma preparação 'involuntária' para a distância que agora vão enfrentar?

[Andreia Araújo] Acho que são distâncias bem diferentes. Aqui as pessoas encontravam-se isoladas mas estavam nas suas casas com o seu conforto. Ao partir, assumimos um completo desprendimento físico e emocional, é estar distante de casa, da família mas também da nossa cultura, da nossa terra e dos nossos costumes. Aqui em isolamento as pessoas poderiam estar afastadas mas mesmo assim encontravam-se geograficamente perto (existia aquele sentimento de que a pessoa está ali perto), enquanto que indo para Moçambique a distância geográfica é muito maior, e não existe sequer a hipótese de ir ter com as pessoas.

[Fátima Castro] Este foi um tempo muito peculiar. Pedía arte e criatividade nas relações. E nós, cada um à sua maneira, fomos aprendendo a cuidar de nós e dos nossos. Por sua vez, também fomos impelidos a sair ao encon-

tro daqueles que não tinham quem deles cuidassem. Talvez isso me tenha ajudado a perceber que era o momento de ser missionária dentro da minha casa, com a minha família, para depois ser missionária no mundo. Nesse tempo tive a firme certeza de que, quando a vida é feita de amor, o amor vence tudo. Por isso também vence as distâncias!

[Igreja Viva] Pe. Manuel, como é que acha que vai ser a transição para um ambiente pastoral tão diferente da Arquidiocese?

[Pe. Manuel Earia] A transição para outro ambiente pastoral e cultural diferente exige muita capacidade de adaptação e inculturação. O facto de ter realizado algumas experiências de voluntariado missionário em terras africanas, e participado na formação “Salama” do CMAB, vai ajudar a acolher esta missão, com a certeza que é preciso uma grande abertura para aceitar as condições especiais da missão. Não fazemos caminho sozinhos, mas levamos connosco cada um de vós que está unido a nós na oração e a viver esta missão que não é só nossa, mas de todos nós.

[Igreja Viva] Estão à espera de encontrar alguma coisa específico lá, ou de sentir algo em específico, ou isso é uma coisa que não vos ocupa a cabeça antes de partir?

[Pe. Manuel Earia] Espero encontrar uma Igreja fraterna e samaritana, pela oração ver a realidade com os olhos de Deus, e crescer como ser humano, na caridade e na missão pastoral.

[Andreia Araújo] Para mim, que já lá estive, estou a contar sentir um sentimento muito específico, de regresso a casa, pois foi o que senti enquanto estive em Ocuva, sentia-me em casa.

[Fátima Castro] Muita coisa me faz pensar mas aceitarei tudo como uma dádiva, um presente. Ao longo deste ano de formação procurei esvaziar-me de muitos conceitos (e preconceitos) para dar unicamente lugar à empatia e à bondade. É importante colocar-me no lugar do outro e compreender que, por trás de cada rosto, há uma história, uma cultura, uma religião, um caminho trilhado. E, para que tal aconteça, o único caminho é estar com eles e, a eles, entregar-me sem restrições.

“Qual dos dois fez a vontade ao pai?”

XXVI DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Diante do altar ficará disposta uma balança de pratos, com mais peso de um lado do que no outro.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Ez 18, 25-28

Leitura da Profecia de Ezequiel

Eis o que diz o Senhor: “Vós dizeis: «A maneira de proceder do Senhor não é justa». Escutai, casa de Israel: Será a minha maneira de proceder que não é justa? Não será antes o vosso modo de proceder que é injusto? Quando o justo se afastar da justiça, praticar o mal e vier a morrer, morrerá por causa do mal cometido. Quando o pecador se afastar do mal que tiver realizado, praticar o direito e a justiça, salvará a sua vida. Se abrir os seus olhos e renunciar às faltas que tiver cometido, há-de viver e não morrerá”.

Salmo responsorial

Salmo 24 (25), 4-5.6-7.8-9

Refrão: Lembrai-Vos, Senhor, da vossa misericórdia.

LEITURA II Filip 2, 1-11 (forma longa)

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Irmãos: Se há em Cristo alguma consolação, algum conforto na caridade, se existe alguma comunhão no Espírito, alguns sentimentos de ternura e misericórdia, então completai a minha alegria, tendo entre vós os mesmos sentimentos e a mesma caridade, numa só alma e num só coração. Não façais nada por rivalidade nem por vanglória; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós mesmos, sem olhar cada um aos seus próprios interesses, mas aos interesses dos outros. Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não

Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de cruz. Por isso, Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem, no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

EVANGELHO Mt 21, 28-32

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: “Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Foi ter com o primeiro e disse-lhe: «Filho, vai hoje trabalhar na vinha». Mas ele respondeu-lhe: «Não quero». Depois, porém, arrependeu-se e foi. O homem dirigiu-se ao segundo filho e falou-lhe do mesmo modo. Ele respondeu: «Eu vou, Senhor». Mas de facto não foi. Qual dos dois fez a vontade ao pai?”. Eles responderam-lhe: “O primeiro”. Jesus disse-lhes: “Em verdade vos digo: Os publicanos e as mulheres de má vida irão diante de vós para o reino de Deus. João Baptista veio até vós, ensinando-vos o caminho da justiça, e não acreditastes nele; mas os publicanos e as mulheres de má vida acreditaram. E vós, que bem o vistes, não vos arrependestes, acreditando nele”.

REFLEXÃO

Há momentos em que dizemos ‘sim’ com os lábios, mas o coração fica preso ao ‘não’. Para Deus, a sinceridade do coração é mais decisiva do que as discordâncias, quando existe disponibilidade para seguir

os seus caminhos.

“Os mesmos sentimentos que havia em Cristo”

Existem discordâncias em todas as comunidades. Importa não agir por orgulho ou rivalidade, mas procurar ‘a união que faz a diferença’. O modelo é sempre Jesus Cristo, como repete a Carta aos Filipenses: “os mesmos sentimentos que havia em Cristo”. Exemplo desses sentimentos são a humildade do despojamento, a capacidade de vencer o orgulho e a inveja, lutar contra a murmuração, dispor-se a servir a todos, com alegria.

“Qual dos dois fez a vontade ao pai?”

A parábola confirma anteriores ensinamentos (cf. Mateus 7, 21): “Nem todo aquele que Me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos Céus, mas só aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus”. Uma coisa é dizer e outra fazer. O ‘sim’ das palavras tem de estar associado ao ‘sim’ das ações. Ecoa com estrondo a pergunta de Jesus Cristo: “Qual dos dois fez a vontade ao pai?”. Quantas pessoas falam, criticam, dizem-se mais honestas do que todos, e pouco ou nada fazem em coerência, enquanto outras protestam, ficam chateadas, mas logo estão disponíveis para trabalhar em prol da comunidade! O amor a Deus não se confirma em meros ritos externos, cumprir normas, mas na conversão do coração. Estejamos atentos para não reduzir a nossa fé a um ‘sim’ de culto vazio, de práticas piedosas e devocionais sem tradução na prática do mandamento do amor. Seremos reconhecidos como discípulos quando vivermos em união dentro da comunidade. Deus fez-nos e quer-nos livres. E aguarda

a nossa responsabilidade na resposta. Está em nós escolher um caminho de relação, de abertura aos outros, da oferta do perdão, de tudo o que favorece a união, ou então um caminho que nos afasta dos outros e destrói a comunidade. Tenhamos consciência de que nada é parcial: cada palavra e cada acção que dizemos e fazemos favorece (ou prejudica) ‘a união que faz a diferença’. A concluir esta ‘série’ façamos um sério exame de consciência sobre as nossas atitudes e comportamentos. Na minha vida, predominam as boas intenções ou a correcção fraterna e o perdão? Como me posso comprometer para melhorar a comunidade paroquial?

Humildade e alegria

A humildade e a alegria enchem a vida pessoal e comunitária com o bom odor do Evangelho de Jesus Cristo. Estas duas atitudes completam aquelas do amor e do perdão, da ternura e da misericórdia, todas elas essenciais para a harmonia de uma comunidade cristã. A humildade e a alegria não são emoções passageiras, próprias apenas de um determinado momento. Elas habitam a pessoa, pois nascem do encontro com Deus e da relação com os outros. São antídotos contra a inveja e a murmuração. Elas ajudam a encarar a vida com o bom humor característico dos santos e aumentam em nós a capacidade de amar e perdoar. Assim, sim, construímos uma comunidade digna de Jesus Cristo!

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear esperança

Acólitos

Assumir a condição de servo foi



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do XXVI Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 420)

Prefácio: Prefácio dos Domingos do Tempo Comum VII "A salvação pela obediência de Cristo" (*Missal Romano*, 482)

Oração Eucarística: Oração Eucarística III (*Missal Romano*, 529ss)



VIVER NA ESPERANÇA

Vamos evitar ser precipitados nas nossas respostas, procurando ser mais assertivos, na obediência a Deus e no amor aos outros. Para isso, o exame de consciência diário nos ajudará a ser mais autênticos nas nossas respostas.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** *Tudo quanto nos fizeste* – C. Silva

– **Apresentação dos dons:** *Onde há caridade verdadeira* – C. Silva

– **Comunhão:** *Nós conhecemos e acreditamos* – M. Carneiro

– **Final:** *Com a bênção do Pai* – J. Santos

o caminho que Deus escolheu de aproximação ao ser humano. Servir é, assim, um caminho de humanização à imagem da vinda do Verbo de Deus ao nosso mundo. Por isso, a exaltação não é o prémio do serviço, mas, como em Maria, ela é a manifestação dessa exaltação. É olhando para a humildade da sua serva que Deus torna bendito o seu nome por todas as gerações. Procuo exercer o meu ministério como caminho de humanização?

Leitores

Muitos pensam que proclamar a Palavra na Eucaristia consiste apenas em ler um texto mais ou menos bem. É claro que o leitor se deve preparar tecnicamente para fazer bem o serviço que lhe é pedido. Mas proclamar a Palavra de Deus é salvar vidas. Pela escuta da Palavra, se o pecador abrir os seus olhos e se converter, então ele há de viver e não morrerá. Tenho consciência de que proclamar a Palavra é parecido com o lançar de uma boia a um naufrago?

Ministros Extraordinários da Comunhão

Em João Baptista, Jesus era anunciado sem ainda ser visto. No tempo de Jesus, ele era visto, mas, mesmo assim, alguns não se arrependiam e nem acreditavam nele. O ministro extraordinário da Comunhão leva Jesus realmente presente na Eucaristia, mas que escapa ao olhar dos que o recebem. Pela minha atitude e palavra torno possível a bem-aventurança: "Felizes os que acreditam sem terem visto"?

Celebrar com esperança

Preparação Penitencial

Propõe-se a fórmula C da preparação penitencial com os seguintes tropos:

V. Senhor, pelas vezes em que a nossa maneira de proceder não é justa, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós.

V. Cristo, pelas vezes em que não vivemos numa só alma e num só coração, tende piedade de nós.

R. Cristo, tende piedade de nós.

V. Senhor, pelas vezes em que dizemos "sim" e devíamos dizer "não", pelas vezes em que dizemos "não" e devíamos

dizer "sim", e pelas vezes que não nos arrependemos das más respostas dadas, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós.

Homilia

. A parábola contada por Jesus convida a reflectir sobre o verdadeiro sentido da obediência, mas também do arrependimento e da conversão. À hora da resposta ao convite do Pai não é conveniente cair em imediatismos irreflectidos, em palavras não discernidas e não rezadas, que acabam por levar ao "dito pelo não dito". Aquele Pai tem dois filhos arrependidos e contraditórios que fazem o contrário do que dizem. Não há um terceiro filho, portanto, não há uma terceira via: os "dois filhos" são todos os filhos.

. Obviamente neste "faltar à palavra dada" ou "mudar de camisola" dos filhos (que somos todos nós) reside um claro e premente aceno à conversão e à mudança pessoal, que é imperativa e exigível àqueles que abrem o seu coração a Cristo e à sua Palavra. "Mudar de vida", arrepender-se e converter-se é também mudar de mentalidade: deixar de ver Deus

como um patrão para tê-lo como Pai.

. Assentir à vontade de Deus não requer grandes palavras, mas obras concretas. Somos chamados a "trabalhar na vinha" e a reconhecer que, na vida, é mais importante o que se faz do que o que se diz. Nestes tempos atípicos de pandemia é hora de viver a caridade e, portanto, para com razão se dizer: "mãos à obra"!

Oração Universal

Irmãs e irmãos em Cristo: oremos pelos filhos que dizem "sim" e por aqueles que só sabem dizer "não" ao convite para trabalharem na vinha do Pai, e supliquemos, todos juntos:

R. Ouvi-nos, Senhor.

1. Pelo Papa Francisco e pelos bispos, que nos confirmam na fé, pelos presbíteros e diáconos, que nos servem, e por todos os discípulos de Cristo, oremos.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Qual dos dois fez a vontade ao pai?”

VIGÉSIMO SEXTO DOMINGO
ANO A - 2020



LABORATÓRIODAFÉ



NOMEAÇÕES ECLESIÁSTICAS

Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga, por mercê de Deus e da Santa Sé, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas; Tendo presente novas necessidades pastorais, torna-se necessário proceder às seguintes nomeações:

- **Padre Tiago Martins de Barros**, dispensado do cargo de Vice-Arcipreste do Arciprestado de Barcelos.
- **Padre Manuel Alberto Bezerra Alves**, nomeado Vice-Arcipreste do Arciprestado de Barcelos.
- **Padre Alexandre Agostinho Teixeira de Sá**, nomeado Capelão da Santa Casa da Misericórdia de São Bento de Arnoia, Arciprestado de Celorico de Basto.

Braga e Cúria Arquiepiscopal,
17 de Setembro de 2020

† Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz

CONFRARIA DO BOM JESUS APRESENTA JORNAL E ABRE REITORIA

Dia 14 de Setembro, dia da Exaltação da Santa Cruz, passou a ser um dia ainda mais especial para o Bom Jesus com o anúncio de um jornal trimestral e da abertura de uma Reitoria.

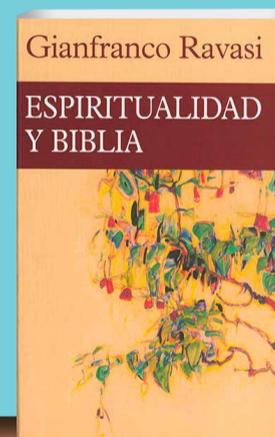
O jornal estará disponível em www.bomjesus.pt e a primeira edição é gratuita. O cônego João Paulo Alves é o director do "Bom Jesus do Monte". Também no dia 14 abriu ao público o novo serviço de apoio à actividade cultural, a Reitoria. Será um espaço preparado para receber quem pretende tratar de alguma actividade religiosa como casamentos, baptizados, missas e outras actividades. A Reitoria abre às segundas, quartas e sextas, das 15h às 17h. Esta data especial para o Bom Jesus será celebrada com um concerto comemorativo da Festa da Exaltação da Santa Cruz e do segundo aniversário da Associação de Musica Sacra de Braga no Sábado, dia 19, às 21 horas.

O concerto será transmitido nas redes sociais do Santuário e Basilica. Há 40 lugares gratuitos abertos ao público, mas sujeitos a inscrição prévia através do e-mail basilica@bomjesus.pt.

O Jornal "O Bom Jesus do Monte" já existiu, tendo sido lançada a sua primeira edição em 1957, com uma tiragem de 2000 exemplares e periodicidade mensal. Pretendia, entre outros objectivos "ser um testemunho físico com uma identidade própria que permitisse relatar os diversos acontecimentos na capital do Minho e seus arredores", adianta a Confraria do Bom Jesus.



ESPIRITUALIDAD Y BIBLIA GIANFRANCO RAVASI



Um livro para se aproximar a Bíblia como fonte de uma autêntica vida espiritual e que impulsiona o renascimento da espiritualidade, evitando desvios e preconceitos fáceis. O itinerário proposto pelo cardeal Ravasi foca-se numa leitura abrangente e cuidadosa das jóias espirituais do Antigo e do Novo Testamento, para oferecer uma síntese teológica unitária da espiritualidade das Escrituras.

Compre online em
www.livrariadm.pt

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE CRISTO NA CRUZ

BASILICA DOS CONDEGADOS



Director: Damião A. Gonçalves Pereira · **Coordenação:** Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, João Pedro Quesado) · **Design:** Romão Figueiredo
Multimédia: Ana Marques Pinheiro · **Contacto:** comunicacao@arquidiocese-braga.pt

Fale connosco no Facebook

